



Congregazione della Passione di Gesù Cristo

IL SUPERIORE GENERALE

Piazza dei SS. Giovanni e Paolo, 13 - 00184 Roma - Italia
Tel. +39 06 772711; Fax: +39 067008454

Prot. n. 091/2023/JR

CARTA CIRCULAR

A FAMÍLIA PASSIONISTA:

CAMINHANDO JUNTOS E COLABORANDO

COM OS PRÓPRIOS TALENTOS

PARA MANTER VIVA A MEMÓRIA DA PAIXÃO DE JESUS



Queridos irmãos, irmãs e amigos da família Passionista,

Envio-vos as minhas saudações, votos de felicidades e orações neste dia em que comemoramos e celebramos o nosso santo fundador, São Paulo da Cruz. Boa festa! Uno-me a vós pedindo a sua bênção e intercessão para guiar a família Passionista na sua vocação de seguir (= ESTAR COM) Jesus crucificado e ressuscitado e na missão de SER instrumentos da misericórdia e da compaixão de Deus pelos “crucificados” do nosso mundo (=SER PARA), de acordo com os talentos e a vocação (estado de vida) de cada membro desta família.



Como todos sabem, enquanto nós, da família Passionista, celebramos a festa de São Paulo da Cruz, hoje celebra-se em Roma a primeira assembleia do **Sínodo sobre a Sinodalidade**, dividida em duas partes. Este acontecimento histórico na vida da Igreja é significativo também para a nossa família passionista, porque também nós fazemos parte do povo de Deus e, como diz o Papa Francisco, pioneiro desta reforma, “a sinodalidade é o caminho com que Deus desafia a Igreja do terceiro milénio porque é um elemento constitutivo da Igreja». Isso é oficial e não opcional. Como Passionistas, somos obrigados pelo voto de obediência a obedecer a esta diretriz do Sumo Pontífice, que é o superior supremo da nossa congregação (Const. 24).

As questões sobre a sinodalidade lançam um desafio ao “**estilo**” de como ser Igreja por nós conhecida até agora, ao longo da nossa vida, e convida-nos a discernir juntos o que Deus espera de nós, mas sempre como resposta a uma **escuta contemplativo** e à graça de **conversão** da mente e do coração.

Exorto e encorajo a participação e o “*caminhar juntos*” da nossa família Passionista neste caminho sinodal em evolução, especialmente através da **oração e da escuta do Espírito Santo**, como o Papa Francisco nos encoraja a fazer:

Caminhar juntos. Interrogar-se juntos. Assumir juntos o discernimento comunitário, que para nós é oração, como fizeram os primeiros Apóstolos: é a sinodalidade, que gostaríamos de tornar um hábito quotidiano em todas as suas expressões¹.

Contudo, nunca devemos esquecer e, na verdade, devemos ter sempre presente que a nossa Congregação, com a sua missão, não é uma realidade separada da vida e missão da Igreja universal, ou dela isenta. Não somos uma Igreja “alternativa”. Pelo contrário, a nossa Congregação existe em virtude da aprovação legítima da Igreja para dar o seu próprio contributo à sua missão de evangelização através da perspectiva do nosso carisma específico: a **memoria passionis**. Como lemos nas Constituições no n^o 2:

A Igreja, tendo reconhecido a ação do Espírito Santo em São Paulo da Cruz, aprovou com autoridade suprema a nossa congregação e as suas Regras, com a missão de anunciar o evangelho da paixão com a vida e com o apostolado.

Nas Constituições, no n^o 6 é-nos lembrado que, em virtude da consagração com voto especial à paixão de Jesus, “*a nossa congregação ocupa o seu lugar na Igreja e se consagra a cumprir a sua missão.*”

Finalmente, no n^o 62 das Constituições, diz-se:

A Igreja confiou à nossa Congregação uma parte significativa do seu apostolado: tornar fecundo o amor de Cristo, como se demonstra

¹ Papa Francisco, Discurso por ocasião da entrega do prémio “é jornalismo”, Sábado, 26 de agosto de 2023.

eminentemente na sua paixão, para que a sua memória seja viva e perenemente celebrada.

Neste contexto, com esta carta circular, gostaria de partilhar convosco alguns pensamentos para refletir sobre a crescente relação e colaboração entre os religiosos consagrados (os Passionistas professos, que emitiram os votos) e os membros leigos da família Passionista, e sobre o seu envolvimento mútuo no apostolado da Congregação hoje, pensamentos inspirados por aquilo que vi e ouvi e que já está acontecendo em muitas partes do mundo. A relação e a colaboração entre leigos e religiosos professos é um fenómeno emergente de que se está a tomar mais consciência em todas as Congregações religiosas, acontecendo a dois níveis:

- 1) A nível de nos sentirmos atraídos ou inspirados pelo **carisma** da Congregação, reconhecido como dom espiritual dado a toda a Igreja;
- 2) A nível de nos sentirmos envolvidos na **missão** e nas formas de **apostolado** da Congregação, que é uma parte integral e uma responsabilidade de todos os batizados na missão evangelizadora da Igreja.

Na sua mensagem ao 44^o Capítulo Geral da Congregação, no ano 2000, o Papa São João Paulo II escreveu:

No programa dos trabalhos capitulares reservastes um espaço particular à reflexão sobre a partilha do carisma passionista com os leigos. É “um dos frutos da doutrina da Igreja como comunhão”, amadurecida nos últimos tempos, que constitui “um novo capítulo, cheio de esperança, na história das relações entre pessoas consagradas e leigos” (Vita Consecrata, 54). Isto representa um sinal de crescimento da vitalidade eclesial que precisa urgentemente de ser acolhida e desenvolvida. Espero sinceramente que aqueles que o Espírito chama a haurir das mesmas fontes da vossa fonte carismática possam encontrar em vós irmãos e, sobretudo, guias capazes não só de partilhar com eles o carisma, mas sobretudo de os formar numa autêntica espiritualidade passionista.

A Província da Santa Cruz (CRUC) no oeste dos Estados Unidos, exprime-se desta forma:

Nós, Passionistas, há muito reconhecemos que o carisma, a espiritualidade de São Paulo da Cruz, que é a espiritualidade da Paixão de Jesus, não é algo que “possuímos” ou controlamos. É um dom de Deus aberto a todo o povo de Deus, seja leigo, consagrado ou ordenado. Isto foi explicitamente afirmado no Capítulo Geral dos Passionistas de 1994: “O nosso carisma é um grande dom. A nossa vocação para manter viva a memória da Paixão de Jesus não pertence apenas à nossa Congregação ou às nossas comunidades; é aberta a todos os seres humanos que são movidos pela ação do Espírito Santo. Aceitamos o chamamento a viver em comunhão com tantos os homens e mulheres que testemunham a sua atualidade e vitalidade”.



A colaboração entre leigos e religiosos consagrados da nossa família carismática deve ser encorajada pela nossa animação e continuará a desenvolver-se graças ao sentido de acolhimento e de um cuidado comprometido da nossa parte. No entanto, deve também basear-se na sinodalidade (no caminhar juntos) e enraizar-se na eclesiologia expressa pela *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II, que ensina que **todos os batizados** são povo de Deus, fazem parte do Corpo de Cristo e pertencem à comunidade dos discípulos. O teólogo venezuelano Rafael Luciani, leigo, explica:



[A sinodalidade] é uma dimensão constitutiva que qualifica a eclesialidade e define um novo modo de proceder que dá forma à Igreja como Povo de Deus, um “nós eclesial” em que todos os sujeitos, do Papa aos Leigos, são iguais e articulados numa comunhão de fiéis com a mesma responsabilidade pela identidade, vocação e missão da Igreja.

Como tal, **todos os batizados** participam dos dons espirituais e são **corresponsáveis** pela missão evangelizadora da Igreja. Não são simples seguidores de Cristo, nem simples discípulos, mas são “apóstolos”, “enviados” por Cristo como discípulos missionários. É necessário que os religiosos consagrados (e o clero), ao abordar a questão da participação dos leigos, façam uma mudança de paradigma, passando do considerá-los como simples colaboradores a reconhecê-los como corresponsáveis pelo ser e pela ação da Igreja. Como disse recentemente a Irmã Gill Goulding, CJ, professora de teologia sistemática e espiritualidade: “É importante que a vida laical, a vida religiosa e o sacerdócio sejam vistos como complementares, como uma reciprocidade de serviço”. Neste sentido, os leigos devem também assumir a responsabilidade batismal e viver o seu papel na Igreja, para o qual não necessitam de qualquer autorização.

No encontro com os membros da Conferência Episcopal Italiana, em 25 de maio de 2023, o Papa Francisco pronunciou as seguintes palavras fortes que também podem ser aplicadas aos membros da Família Carismática Passionista:

Cada batizado é chamado a participar ativamente na vida e na missão da Igreja, a partir das especificidades da sua vocação, na relação com os outros e com os carismas dados pelo Espírito para o bem de todos. Precisamos de comunidades cristãs onde o espaço se expanda, onde todos possam sentir-se em casa, onde as estruturas e os meios pastorais favoreçam não a criação de pequenos grupos, mas a alegria de ser e de se sentir corresponsáveis... Uma Igreja sobrecarregada de estruturas, de burocracia e de formalismo terá dificuldade de caminhar na história ao ritmo do Espírito, encontrando os homens e as mulheres do nosso tempo.

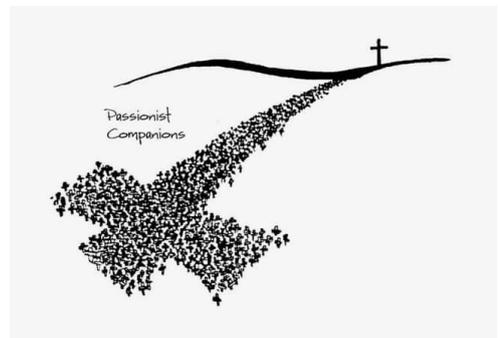


Há uma variedade de grupos, e alguns institutos laicais, associados à família carismática Passionista que existem em diferentes partes do mundo Passionista. Estes grupos surgiram na região por uma “atração” espiritual pessoal pela paixão e pela cruz de Jesus, ou por terem descoberto e se sentido atraídos pelo carisma e espiritualidade de São Paulo da Cruz, ou então em razão da sua associação ou relação com o Congregação Passionista e o seu envolvimento e missão junto dos “crucificados” na sua sociedade. Estes grupos incluem também outras congregações religiosas, nomeadamente as Monjas fundadas por São Paulo da Cruz, e por vários grupos de irmãs fundadas ou influenciadas pelos

Passionistas. Embora estes grupos possam ter nomes, fundamentos e formas diferentes, todos estão empenhados, dependendo do seu estado de vida e dos seus contextos particulares, *em manter viva e promover a memória da Paixão de Jesus como o maior sinal do amor de Deus por todos.*

Há algum tempo recebi uma carta de um grupo chamado “Companheiros Passionistas” de Dublin, Irlanda. São leigos que, depois de terem participado no instituto de formação passionista em 2006, sentiram-se inspirados e atraídos pelo carisma Passionista. Eles escreveram:

A nossa inspiração para nos reunirmos como Companheiros vem do Capítulo Geral de 2000 e da afirmação: “O carisma passionista, como a própria vida, é um dom pelo qual somos eternamente gratos; e do qual não podemos dispor como se fosse nossa propriedade pessoal. que desejam estar connosco aos pés da Cruz, para contemplar o amor de Deus e depois proclamar o seu poder salvífico, podem justamente ser chamados de "Passionistas", sejam homens, mulheres ou crianças". Quando o ouvimos pela primeira vez, em 2006, no Instituto, ressoou profundamente em nós; tocou algo que sentíamos, mas que não tínhamos conseguido expressar em palavras até então. Esta afirmação continua a ressoar hoje. Sempre “sentimos” que éramos Passionistas. No entanto, a nossa vocação tem sido viver como leigos, alguns casados, alguns solteiros, alguns casados novamente, mas agora, infelizmente, viúvos ou separados. A declaração de 2000 tem-nos assegurado que não se trata apenas de “nos sentirmos” passionistas, mas de sermos nós mesmos passionistas.



Fiquei profundamente comovido com a convicção, a identificação e o sentimento de pertença à família Passionista por eles expressos. A carta continua



a explicar a forma como vivem e promovem o carisma através da sua vocação laical e fala do seu **direito** e da sua **responsabilidade** como apóstolos da evangelização e não apenas devido ao declínio ou redução de religiosos passionistas professos dentro da Província:

... acreditamos, sem dúvida, que não há lugar para falar de envelhecimento, de ser menos capazes, de se apagarem, etc., contanto que os companheiros estejam ali. É nosso desejo, aliás é o que somos, viver o carisma dos Passionistas e de São Paulo da Cruz na vida que levamos e se formos fiéis a isso, então é o caso, e só que, hoje, quando outros não têm mais capacidade [de agir], é preciso depender mais de mensageiros diferentes.

Durante a maior parte dos nossos 300 anos de história como Congregação, o foco da vida e missão Passionista concentrou-se fortemente naqueles "professos" (com votos), homens e mulheres, que abraçaram a vida religiosa consagrada dentro da Congregação. Se é verdade que a responsabilidade principal do Instituto e da sua missão carismática é confiada pela Igreja a quem segue o caminho da vida consagrada, não podemos, no entanto, ignorar os factos que emergem da história da nossa Congregação e da nossa própria experiência, nomeadamente que inúmeras outras pessoas (leigos, religiosos e ordenados) que, pelo dom do Espírito, e/ou pela sua ligação com os membros e obras da Congregação, deram um testemunho carismático da Paixão de Jesus, e alguns até se sentiram e se identificaram como "Passionistas". Talvez não poderiam estes ser também considerados hoje com toda a verdade como os "companheiros" que São Paulo da Cruz quis reunir? No entanto, é necessário um sentido de pertença e de identificação com o Instituto, que tem o dever de lhes proporcionar **uma formação e um apoio** adequados que alimentem e aprofundem neles o chamamento do Espírito e os capacitem a ser **corresponsáveis** pela missão segundo a visão do Instituto. No espírito da sinodalidade, isto deve acontecer num processo de reciprocidade, com abertura para discernirmos juntos o caminho que o Espírito Santo nos abre.

Estou convencido de que, com o envolvimento e a colaboração dos leigos na vida e na missão da Congregação, **uma nova forma de ser Passionista** está a ser imaginada e a emergir. Respeitando a vocação e o estado de vida particulares escolhidos por cada indivíduo, o caminho da sinodalidade é o caminho que temos diante de nós, que exige respeito, confiança e humildade. É o modo de ser de uma Igreja, de uma congregação, que quer sair em missão. A sinodalidade é essencialmente missionária. É um caminho que leva a repensar, a repensar o papel da Igreja (e da nossa congregação) na sociedade de hoje. Isto exige que abandonemos os nossos medos, preconceitos e visões demasiado estreitas e nos abramos à uma nova compreensão e a uma nova abordagem, colaborando no testemunho e na missão, inspirados na visão específica do nosso carisma (a *memoria passionis*), na consciência de que, como disse o Papa Francisco na sua mensagem para o Jubileu, "para que um carisma perdure no tempo, é necessário adaptar-se às novas necessidades, mantendo viva a força criativa das origens".

Exorto a todos a que não tenham medo, como família passionista (de consagrados e leigos), de criar um caminho sinodal para **caminharmos juntos** numa comunhão de fé, de culto, de serviço e de missão, com espírito de escuta, de diálogo, de silêncio, de oração e de discernimento. **Escutando juntos os movimentos interiores do Espírito e discernindo juntos a vontade de Deus**, desejamos saber como melhor partilhar os nossos dons, para que a memória da paixão de Jesus possa ser mantida viva como sinal do amor salvífico de Deus e da sua compaixão duradoura, dentro da situação da nossa sociedade contemporânea e do nosso mundo.

Este é um tempo de renovação e profecia na família Passionista. Os desafios que enfrentamos neste momento da história oferecem-nos a oportunidade de sermos **proféticos**, isto é, de sermos iluminados pelo Evangelho, “*pensando e falando no Espírito*” (Papa Francisco) e, portanto, de sermos **renovados** espiritual, pessoal e profissionalmente. É um tempo de ler nos “sinais da nossa história” o que Deus deseja para nós: “*agir com justiça, amar com ternura e caminhar humildemente com Deus*” (Miquéias 6,8).

Continuemos a avançar juntos como família Passionista “com corações e mentes renovados”. Esta é a graça que deriva do encorajamento de São Paulo da Cruz a meditar na paixão de Jesus e a contemplar a sua cruz, com a qual conheceremos *o poder e a sabedoria de Deus* (1Cor 1, 24).

Casa dos Ss. João e Paulo, Roma
Festa de São Paulo da Cruz
19 de outubro de 2023


P. Joaquim Rego, C.P.
Superior Geral



Os Passionistas de Jesus Cristo si sempre têm nos os Cor.